

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

# AS VOGAIS PRETÔNICAS DO KABUVERDIANU DO PRÍNCIPE

Shirley Freitas

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.8091>

Submetido em: 2024-02-13

Postado em: 2024-02-26 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

## AS VOGAIS PRETÔNICAS DO KABUVERDIANU DO PRÍNCIPE

### PRETONIC VOWELS OF PRÍNCIPE KABUVERDIANU

#### Estudo piloto

Shirley Freitas<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho enfoca o kabuverdianu do Príncipe e descreve suas vogais pretônicas, comparando-as com as tônicas. Como *corpus* para este estudo, foram utilizados dados coletados no Príncipe em 2018 e os pressupostos teóricos são a Fonética Acústica e descrições prévias do kabuverdianu de Santiago, ilha de procedência da maior parte dos migrantes (Carreira, 1983). As vogais pretônicas foram divididas entre orais e nasais. Os segmentos pretônicos orais encontrados foram [i, e, ε, ə, ɐ, a, ɔ, o, u], que, em comparação com as vogais tônicas, duram menos (com a diferença sendo em média 30 milissegundos) e são mais centralizados. Quanto às vogais com o traço nasal, não foi registrada a aplicação da nasalidade heterossilábica (com as consoantes [m] e [n] na sílaba seguinte), sendo encontradas as realizações [i, e, ə, ɐ, a, o, u]. Considerando a nasalidade tautosilábica, foram encontradas as realizações [ĩ, ê, ẽ, ã, ẽ, õ]. Das 20 ocorrências de pretônicas nasalizadas, em 17, o murmúrio se fez presente tanto diante de fricativas quanto de oclusivas. As vogais pretônicas nasalizadas tiveram uma duração maior do que suas contrapartes orais, o que, juntamente com a presença do murmúrio nasal, podem ser apontados como indicativos da natureza bifonêmica da vogal nasal (/VN/). Em suma, os dados analisados trazem novidades com relação às descrições de Santiago (como a presença de 3 vogais centrais), o que revela a importância de estudar diferentes variedades e contribui para um maior entendimento da realidade linguística do Príncipe.

**PALAVRAS-CHAVE:** Kabuverdianu do Príncipe. Vogais orais e nasalizadas. Posição pretônica. Análise acústica. Pistas fonológicas.

**ABSTRACT:** This work focuses on Príncipe Kabuverdianu and describes its pretonic vowels, comparing them with the tonic ones. As a corpus for this study, data collected in Príncipe in 2018 were used and the theoretical assumptions are Acoustic Phonetics and previous descriptions of the kabuverdianu of Santiago, the island where most of the migrants come from (Carreira, 1983). Pretonic vowels were divided into oral and nasal. Oral pretonic segments were [i, e, ε, ə, ɐ, a, ɔ, o, u], which, compared to stressed vowels, last less (with the difference being on average 30 milliseconds) and are more centralized. As for vowels with a nasal feature, the application of heterosyllabic nasality (with the consonants [m] and [n] in the following syllable) was not recorded, with the realizations [i, e, ə, ɐ, a, o, u]. Considering the tautosyllabic nasality, the realizations [ĩ, ê, ẽ, ã, ẽ, õ] were found. Of the 20 occurrences of nasalized pretonics, in 17, the murmur was present both in front of fricatives and stops consonants. The nasalized pretonic vowels had a longer duration than their oral counterparts, which, together with the presence of the nasal murmur, can be pointed out as indicative of the

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras, Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, São Francisco do Conde, Bahia, e do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia; e-mail: shirleyfreitas@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6124-8067>.

biphonemic nature of the nasal vowel (/VN/). In short, the data analyzed bring new information regarding the descriptions of Santiago (such as the presence of 3 central vowels), which reveals the importance of studying different varieties and contributes to a greater understanding of the linguistic reality of Príncipe.

**KEYWORDS:** Príncipe Kabuverdianu. Oral and nasalized vowels. Pretonic position. Acoustic analysis. Phonological clues.

### RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS

São Tomé e Príncipe, país da África Ocidente, constitui uma comunidade multilíngue. Dentre as diversas línguas usadas, este artigo enfoca o kabuverdianu do Príncipe (variedade ainda pouco estudada), descrevendo as vogais pretônicas e comparando-as com as tônicas. O kabuverdianu passa a compor o cenário linguístico do país, a partir do início do século XX, quando se inicia uma massiva imigração caboverdiana para o arquipélago para trabalhar nas roças de café e cacau. Utilizando um *corpus* coletado em 2018, são apresentadas as realizações fonéticas das vogais pretônicas orais e nasais. Foram encontradas 9 vogais pretônicas orais, ampliando as descrições prévias de Santiago, que trazem apenas 8. Em palavras em que a consoante nasal está na sílaba seguinte (como em **to-ma-ti** ‘tomate’), a realização da vogal pretônica é sempre oral; ao passo que em casos em que a consoante nasal está na mesma sílaba (como **kon-fia** ‘confiar’), a realização é nasalizada. Os resultados encontrados lançam algumas pistas para a interpretação fonológica dessas vogais, contribuindo não somente para um maior entendimento da realidade linguística do Príncipe, mas também para mostrar que tal variedade é diversa do kabuverdianu falado em outros lugares, como em Santiago.

### Introdução

São Tomé e Príncipe (doravante STP) é um país situado na costa ocidental africana, no Golfo da Guiné, formado por duas ilhas: São Tomé e Príncipe. São Tomé, cuja capital é a cidade de São Tomé, é a maior das ilhas, sendo formada por seis distritos (Água-Grande, Cantagalo, Caué, Lembá, Lobata e Mé-Zóchi), e é onde está situado o centro administrativo do país. Já o Príncipe é uma região autônoma, tendo como capital regional (do distrito de Pagué) a cidade de Santo António. De acordo com o censo de 2012, aproximadamente 171.856 pessoas vivem em São Tomé e 7.344, no Príncipe, totalizando 179.200 habitantes no arquipélago (INE, 2012).

STP possui uma realidade multilíngue, reunindo línguas como santome, lung’Ie, angolar – línguas crioulas autóctones, oriundas de uma mesma língua ancestral, o protocrioulo do Golfo da Guiné, conforme Bandeira (2017) –, kabuverdianu (língua crioula transplantada no início do século XX) e variedades do português, como a santomense e a principense. Diante das diversas línguas faladas, esta pesquisa se debruça sobre o kabuverdianu do Príncipe, buscando descrever as vogais pretônicas (orais e nasalizadas), comparando-as com as tônicas. A variedade de kabuverdianu falada no Príncipe não tem sido foco de muitos estudos sistemáticos – com

exceção de Freitas, Bandeira e Agostinho (2021) –, o que mostra a relevância da pesquisa, na medida em que permitirá não só conhecer uma variedade (que poderá ser cotejada com estudos prévios sobre o kabuverdianu falado em outros locais), mas também ampliar os conhecimentos acerca da realidade linguística do Príncipe.

O texto deste artigo organiza-se da seguinte forma: a seção 1 apresenta alguns aspectos sociohistóricos gerais da migração caboverdiana para STP a partir de 1902. Na seção 2, é discutido o cenário linguístico vigente em STP, com ênfase para a situação do Príncipe. A seção 3, por seu turno, se destina ao referencial teórico e à metodologia, trazendo os instrumentos de análise e a caracterização do *corpus*. A seção 4 tem como foco a discussão dos resultados, divididos entre as vogais pretônicas orais (subseção 4.1) e nasalizadas (seção 4.2). Por fim, na seção 5, aparecem as considerações finais.

## **1. A migração caboverdiana para São Tomé e Príncipe: aspectos gerais**

A colonização portuguesa de STP tem início no final do século XV e a partir da ocupação portuguesa das ilhas, o arquipélago passa a funcionar inicialmente como importante entreposto de escravizados e posteriormente como um centro monocultor açucareiro (cf. Bandeira, 2017 para uma discussão mais aprofundada acerca da colonização portuguesa). Alguns anos depois do declínio da cultura do açúcar, em meados de 1800, ocorre uma recolonização do arquipélago. Nesse período, as atividades econômicas se concentram na monocultura de café e depois de cacau e passam a compor a paisagem do arquipélago as chamadas roças (propriedades monocultoras de pequeno, médio e grande porte), termo que ainda é usado em STP mesmo nos dias de hoje. De acordo com Seibert (2015), essa fase de recolonização iniciada em 1852 foi caracterizada por um maior aporte de colonos portugueses em direção ao arquipélago, a marginalização dos forros<sup>2</sup> e a entrada de um novo segmento social, os trabalhadores contratados, também chamados de serviçais em alguns estudos.

O advento do trabalho contratado no arquipélago se deu em virtude da abolição da escravatura oficialmente em 1875 – de fato em 1878 de acordo com Nascimento (2010) – acompanhada da recusa da população nativa (forros, angolares e principenses) de trabalhar nas roças para os colonos em virtude das extenuantes condições de trabalho bastante semelhantes à

---

<sup>2</sup> Termo proveniente de alforriados e usado para se referir a um dos grupos étnicos de São Tomé – os naturais da ilha. Além dos forros, o arquipélago possui ainda dois grupos: os angolares, também da ilha de São Tomé e oriundos de antigas comunidades quilombolas, como São João dos Angolares, e principenses, naturais da ilha do Príncipe.

escravidão e da própria posição de inferioridade ocupada pelos trabalhadores serviçais na pirâmide social. Dentre os contratados que chegam a STP, Carreira (1983) menciona que, entre o começo de 1900 e 1922, predominavam trabalhadores angolanos e moçambicanos, realidade que começa a se alterar a partir da década de 1920, quando passa a ser numericamente expressiva a chegada de trabalhadores caboverdianos ao arquipélago.

A migração caboverdiana para STP tem início no começo do século XX, mais precisamente em 1902/19035 e perdura, em maior ou menor grau, no decorrer desse século. Os anos de 1930, 1940 e 1950 marcam a chegada dos maiores contingentes segundo Nascimento (2003 apud Feio, 2016) e a partir de 1940/1950, de acordo com Eyzaguirre (1986) e Nascimento (2008), os caboverdianos passam a compor a maior parte dos contratados.

Um aspecto que diferencia a migração caboverdiana da angolana e moçambicana é que, no caso de Cabo Verde, migraram não somente homens, mas também casais e famílias, ou seja, mulheres e crianças. De acordo com Berthet (2011), essa diferença reflete o desejo do governo colonial de formar em STP uma classe social agrícola até então inexistente, uma vez que muitos contratados já partiam para STP com seu núcleo familiar formado (Carreira, 1983).

Nascimento (2008) afirma que a ilha de Santiago foi a principal fornecedora de mão-de-obra. Em um de seus trabalhos, o autor entrevistou antigos contratados da ilha de São Vicente, chegando à conclusão de que nessa ilha a migração para STP não constitui um aspecto marcante e comum, tendo se iniciado somente em 1952, reunindo números menores do que aqueles de Santiago. O autor menciona ainda que alguns caboverdianos que saíam de São Vicente eram oriundos das ilhas vizinhas de Santo Antão e São Nicolau. Essa afirmação de Nascimento (2008) ilustra o fato de que o porto de saída dos trabalhadores contratados não necessariamente indica a procedência dos mesmos, podendo haver uma movimentação dos caboverdianos entre as ilhas (ainda que tal trânsito não fosse tão massivo), o que aponta a necessidade de atenção ao olhar para os dados sobre os portos de saída. Além disso, segundo o autor, as diferentes procedências não necessariamente apontam a sobrevivência de traços identitários tão específicos, já que as condições de vida similares nas diversas roças santomenses acabaram por homogeneizar as particularidades das diferentes ilhas caboverdianas, as quais, apesar de existentes, terminaram suplantadas pela identificação dos caboverdianos em geral como um grupo.

Considerando o número de caboverdianos que migraram para STP, segundo Carreira (1983), os dados encontrados nos estudos são bastante diversos, seja porque os números de contratados são menores do que a realidade, seja porque os estudos seguem diretrizes diferentes. Os dados mencionados pelo autor são compilados nas tabelas 1 e 2:

<b>Período</b>	<b>Caboverdianos</b>	<b>Anos com mais chegadas</b>
1900 a 1920	1.532	1903: 272 / 1907: 408 / 1914: 369
1927 a 1945	133	1939: 25 / 1940: 28
1946 a 1952	2	---
<b>TOTAL</b>	1.667	---

Tabela 1. Migração caboverdiana espontânea para STP (dados de Carreira, 1983).

<b>Período</b>	<b>Caboverdianos</b>	<b>Anos com mais chegadas</b>
1902 a 1922 (São Tomé)	12.942 (12.117 adultos e 825 crianças)	1902/1903: 2.500 / 1904: 2.132 / 1921: 2.707
1902 a 1922 (Príncipe)	11.036 (10.554 adultos e 482 crianças)	1913: 1.023 / 1914: 1.207 / 1915: 1.048 / 1919: 1.659 / 1920: 1.489
1941 a 1949 (São Tomé e Príncipe)	20.884	---
<b>TOTAL</b>	1.667	---
1950 a 1970 (São Tomé)	30.435	---
1950 a 1970 (Príncipe)	4.095	---
<b>TOTAL</b>	79.392	---

Tabela 2. Migração caboverdiana forçada para STP (dados de Carreira, 1983).

A partir das tabelas 1 e 2, observa-se que a migração de caboverdianos para STP foi sobretudo forçada, com os números dessa migração sendo bastante superiores àqueles da migração espontânea, o que sugere que de fato muitos caboverdianos não tiveram escolha senão migrar para STP em busca de melhores condições de vida e tal decisão não foi totalmente desejada.

Ainda com relação às cifras, Carreira (1983) menciona que a maior parte dos caboverdianos migrou para o Príncipe, enquanto em São Tomé predominaram trabalhadores angolanos e moçambicanos. O autor apresenta dados do Anuário de Lisboa de 1917, que aponta os seguintes números da migração caboverdiana para STP: (i) em 1915, 58 caboverdianos foram para São Tomé e 907 para o Príncipe; (ii) em 1916, 86 caboverdianos chegaram em São Tomé

e 677 no Príncipe; (iii) em 1917, o número de migrantes caboverdianos que migrou para São Tomé foi de 43 e para o Príncipe 190.

Quanto à percepção dos próprios caboverdianos sobre a migração para STP, Nascimento (2007) e Semedo (2016) apontam que é comum rotular essa como a pior migração caboverdiana em virtude das duras condições de trabalho (que na verdade replicavam a escravidão) e das poucas chances de repatriação, que era muito mais um sonho distante do que uma realidade.

Nos dias atuais, existe uma comunidade caboverdiana (formada por antigos contratados e seus descendentes) numericamente expressiva em STP. De acordo com Feio (2016), 50% da população de São Tomé é de ascendência caboverdiana; já no Príncipe esse número chega a 80%. Assim sendo, nota-se que mesmo após o fim dos contratos, muitos caboverdianos e seus descendentes optaram por permanecer em STP. As condições de vida da comunidade caboverdiana em STP são bastante difíceis: aqueles que moram nas cidades possuem empregos desvalorizados, com baixos salários, já aqueles do interior/campo (grande parte, pelo menos no Príncipe) vivem em casas humildes, muitas vezes sem água encanada e luz elétrica.

## **2. Aspectos linguísticos de São Tomé e Príncipe**

No que se refere a questões linguísticas, de acordo com Bandeira (2017), a partir das interações entre diferentes segmentos sociais (sobretudo portugueses e escravizados de diferentes etnias), já no início da colonização, surge o protocioulo do Golfo da Guiné, que mais tarde daria origem a quatro línguas diferentes: santome (falado na ilha de São Tomé), lung'le (falado no Príncipe), angolar (falado também em São Tomé, na comunidade de São João dos Angolares, distrito de Caué) e fa d'ambô (falado na ilha de Ano Bom). As três primeiras línguas, juntamente com o português, fazem parte do cenário linguístico de STP. Com relação especificamente ao português, é importante salientar que a variedade falada no arquipélago não é a norma lisboeta (ainda que essa seja um modelo para alfabetização e goze de prestígio entre a população), mas sim uma variedade própria: o português de São Tomé e Príncipe, que apresenta aspectos tanto partilhados quanto específicos com relação a outras variedades como a brasileira e a portuguesa, como discutido, entre outros autores, por Agostinho (2015), Bouchard (2017), Nascimento (2018), Balduino (2018, 2022).

Com relação à língua falada pela comunidade caboverdiana, diversos autores apontam o uso do kabuverdianu. Berthet (2011) afirma que falar kabuverdianu é um dos requisitos da caboverdianidade, isto é, o reconhecimento enquanto caboverdiano. Já Feio (2016) menciona que os descendentes de caboverdianos têm o costume de cantar músicas em kabuverdianu,

sendo essa uma das formas de reafirmar a identidade. Semedo (2016), por seu turno, aponta que, independentemente da ilha de origem, os antigos contratados e seus descendentes são unidos por um sentimento de pertencimento a Cabo Verde e se esforçam em cultivar os costumes e tradições de seu país, sendo o uso da língua nativa uma das formas de manter viva a cultura caboverdiana.

De forma geral, a comunidade caboverdiana é bilíngue, o que faz sentido dado que, conforme os dados do Censo de 2012, 98,4% da população de STP é falante de português. Essa situação é diferente daquela vivenciada em Cabo Verde, onde, ainda que o português seja a língua oficial, não é amplamente falado pela população<sup>3</sup>. Tal cenário sociolinguístico terá impactos diretos no desenvolvimento do kabuverdianu, que certamente em STP está mais sujeito a interferências do português do que em Cabo Verde.

### 3. Referencial teórico e metodologia

Esta seção apresenta inicialmente o arcabouço teórico-metodológico e os instrumentos de análise da pesquisa e, em seguida, caracteriza o *corpus* utilizado.

#### 3.1 Instrumentos de análise

Este artigo realizou uma análise fonética (acústica) – com base em Ladefoged (1975), Barbosa e Madureira (2015) e Cristófaró Silva et al. (2019) –, com pontos de contato com a fonologia. Mediante análises espectrais, descrevemos aspectos como duração e formantes de vogais, identificando os segmentos fonéticos presentes nas posições pretônica do kabuverdianu do Príncipe, e alguns fenômenos, como a nasalidade tautossilábica e heterossilábica e a harmonia vocálica. Ademais, estabelecemos o espaço acústico das vogais fonéticas, analisando a relação das vogais umas com as outras. Assim, buscou-se mostrar como os achados fonéticos podem lançar pistas acerca do comportamento fonológico (enquanto sistema) dessas vogais. Essa perspectiva se alinha com os estudos que mostram que as fronteiras entre fonética e fonologia não são tão estanques, devendo estar em um diálogo constante, a exemplo de Albano (2001) e Kingston (2007). Além disso, a análise também recorreu a descrições prévias do kabuverdianu de Santiago (Quint, 2000; Lang, 2002; Rodrigues, 2008) e estudos de variedades

---

<sup>3</sup> Acerca do número de falantes de português em Cabo Verde, não há números oficiais. Na ausência de dados científicos e confiáveis, Jon-And (2011) menciona os números do site Etnologue, que aponta que o kabuverdianu é língua materna de toda a população de Cabo Verde, sendo o português falado por 30% da população total.

do português, como Balduino (2022) para fins de comparação. A variedade de kabuverdianu santiaguense foi escolhida pelo fato de, segundo registros históricos (como Carreira, 1983), grande parte dos migrantes que foram para STP ser proveniente dessa ilha. Já o estudo de Balduino (2022) foi considerado por tratar do português de São Tomé e Príncipe, variedade com a qual o kabuverdianu está em contato.

Após a transcrição dos vocábulos das entrevistas de áudio, foi realizada a análise acústica dos dados com auxílio do Programa Praat (Boersma & Weenick, 2022). Os vocábulos a serem analisados foram separados e tiveram seus segmentos identificados. Para realização dessa atividade, foi considerado o que estava sendo ouvido (a percepção do segmento) juntamente com o que estava sendo mostrado na análise acústica (espectrograma e formantes).

Para análise, as vogais pretônicas foram divididas em orais e nasalizadas. Foram coletadas 170 ocorrências de vogais pretônicas orais e analisados os seguintes aspectos: duração em milissegundos, F1 (relacionado à altura da língua) e F2 (relacionado ao movimento horizontal da língua – posterioridade/anterioridade da língua) em Hertz; ambos retirados das posições mediais das vogais, posição em que não há a interferência de sons circunvizinhos e de pausa. Quanto às vogais com traço nasal, buscou-se observar se havia nasalidade heterossilábica. No que tange à nasalidade tautossilábica (que totalizou 20 ocorrências), observou-se, além da duração, a presença ou não do murmúrio nasal, considerando para isso critérios como forma da onda e concentração da energia (Balduino, 2018). Nesta pesquisa, não foram analisados os formantes (orais e nasais) nem os antiformantes característicos das vogais nasalizadas em virtude de essas três características acústicas se influenciarem mutuamente e, dada a qualidade dos áudios, seria possível que se incorressem em imprecisões. Assim, deixou-se para estudos futuros (com uma base de dados de fala controlada coletada especificamente para esse fim) a análise dos formantes orais e nasais e os antiformantes. Os correlatos acústicos observados foram o murmúrio nasal e a duração em milissegundos.

Foi realizada uma primeira análise de F1 e F2 das vogais a fim de identificar possíveis outliers. Tomando por base o trabalho de Balduino (2022), que menciona os valores médios de F1 e F2 no português brasileiro, europeu, santomense e principense, foi considerado um intervalo possível para cada uma das vogais, excluindo-se os números muito destoantes, em geral oriundos da qualidade do áudio. Assim, os dados foram normalizados usando o método Lobanov para os formantes e o z-score para a duração.

### **3.2 O corpus da pesquisa**

O *corpus* da pesquisa é formado por dados coletados em trabalho de campo preliminar de curta duração realizado no Príncipe em 2018, juntamente com a pesquisadora Manuele Bandeira. Trata-se de dados de fala coletados com a finalidade de documentação linguística, que podem ser divididos em duas partes (após perguntas gerais como nome, idade, local de nascimento, línguas faladas): (i) a primeira parte constitui uma conversa informal sobre temas diversos, como a rotina de trabalho, a migração para STP, a infância, entre outros; (ii) a segunda parte é formada por perguntas sobre como dizer uma determinada palavra em kabuverdianu, por exemplo, ‘mão’. A escolha das palavras buscou privilegiar itens do vocabulário básico com base na lista Swadesh (Graham & Graham, 2014). Assim, não foram realizados experimentos que permitissem controlar o contexto dos dados elicitados, tampouco o propósito inicial dos dados era servir a uma análise acústica. Algumas gravações inclusive foram realizadas em ambiente aberto e, ainda que houvesse um cuidado com barulhos externos, por vezes, a natureza da gravação se refletiu na qualidade dos dados. Nos casos em que havia um ruído de fundo, como outras pessoas conversando, animais, barulhos de carro, entre outros, a ocorrência foi excluída, dado que a análise acústica estava prejudicada. A escolha de usar esses dados para uma análise acústica foi tomada posteriormente, em virtude da pandemia de Covid-19, da impossibilidade de coleta de novos dados e do desejo de analisar o kabuverdianu do Príncipe, variedade escassamente estudada. Assim sendo, apesar das limitações, o *corpus* coletado e a análise empreendida torna-se essencial dentro dos estudos fonéticos e fonológicos que visem analisar o kabuverdianu pelo seu caráter pioneiro e por abrir caminhos para estudos futuros.

O *corpus* possui ainda uma limitação quantitativa e de perfil sociolinguístico: só foi possível coletar dados com quatro indivíduos do sexo masculino, uma vez que, nos poucos dias de estadia no Príncipe, as mulheres estavam trabalhando e não puderam estar disponíveis para as gravações. A coleta considerou, assim, a disponibilidade e o desejo em participar da pesquisa. Antes de iniciar as gravações, apresentou-se um termo de consentimento livre e esclarecido em que era explicada a natureza e as características da pesquisa e todos os participantes indicaram sua concordância. Em São Tomé e Príncipe, não há Comitê de Ética que defina diretrizes para as pesquisas com seres humanos (como é o caso do Brasil), contudo do ponto de vista legal, o presidente regional do Príncipe estava ciente da realização da pesquisa e oficialmente autorizou o uso dos dados gravados para estudos científicos.

Quanto ao perfil, os quatro entrevistados eram adultos, com idades entre 48 e 62 anos, filhos de caboverdianos que migraram para o Príncipe, dois deles nascidos em Cabo Verde e dois já naturais do Príncipe. Os quatro são bilíngues em português-kabuverdianu e afirmaram

usar mais kabuverdianu do que português. A caracterização dos entrevistados pode ser vista no quadro 1:

<b>Entrevistado</b>	<b>Origem</b>	<b>Idade em 2018</b>	<b>Idade de migração para o Príncipe</b>	<b>Moradia</b>
Entrevistado 01	Cabo Verde	62	8	Sundy
Entrevistado 02	Cabo Verde	51	2	Belo Monte
Entrevistado 03	Príncipe	43	---	Belo Monte
Entrevistado 04	Príncipe	48	---	Belo Monte

Quadro 1. Perfil sociolinguístico dos entrevistados (Elaboração própria)

A partir dos dados das quatro entrevistas, foi elaborada a base de dados das vogais pretônicas orais e nasalizadas, composta por 190 ocorrências (tendo sido consideradas todas as ocorrências da mesma palavra), divididas como mostra a tabela 3:

<b>Pretônicas orais</b>		<b>Pretônicas nasalizadas</b>	
<b>Vogal</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Vogal</b>	<b>Número de ocorrências</b>
[i]	38	[ĩ]	7
[e]	13	[ẽ]	6
[ɛ]	1	[ẽ]	1
[ə]	37	[õ]	3
[ɐ]	23	[õ]	1
[a]	12	[õ]	2
[ɔ]	3	<b>TOTAL</b>	20
[o]	14		
[u]	29		
<b>TOTAL</b>	170		

Tabela 3. Distribuição dos dados (Elaboração própria)

Como se observa na tabela 3, a distribuição dos dados entre cada uma das vogais não é equilibrada, o que se pode se dever à própria limitação dos dados previamente mencionada, aspecto que não diminui a importância da pesquisa, tampouco sua validade.

#### 4. Análise dos resultados

Nesta seção, serão apresentados os resultados, divididos em vogais pretônicas orais (subseção 4.1) e vogais pretônicas nasalizadas (subseção 4.2).

##### 4.1 Vogais pretônicas orais

Em posição pretônica, foram encontradas as mesmas realizações orais encontradas em posição tônica: [i, e, ε, ə, ɐ, a, ɔ, o, u], como se observa nos exemplos em (1):

(1) Posição pretônica	Posição tônica
<b>piodju</b> [p <i>ĩ</i> . 'o.dʒu] ‘piolho’	<b>vivi</b> [ 'v <i>ĩ</i> .vi] ‘viver’
<b>estretu</b> [es. 'tre.tu] ‘estreito’	<b>direta</b> [di 'r <i>ẽ</i> .tə] ‘direita’
<b>pèrtá</b> [pɛr. 'ta] ‘apertado’	<b>brumédju</b> [bru. 'm <i>ẽ</i> .dʒu] ‘vermelho’
<b>bariga</b> [b <i>ə</i> . 'ri.gə] ‘barriga’	<b>nasi</b> [ 'n <i>ə</i> .sɪ] ‘nascer’
<b>kazaku</b> [k <i>ɛ</i> . 'zɐ.ku] ‘casaco’	<b>kaza</b> [ 'k <i>ɛ</i> .zə] ‘casa’
<b>kabelu</b> [k <i>ə</i> . 'be.lu] ‘cabelo’	<b>brasu</b> [ 'br <i>ə</i> .su] ‘braço’
<b>modjádu</b> [m <i>ɔ</i> . 'dʒa.du] ‘molhado’	<b>róstu</b> [ 'r <i>ɔ</i> .s.tu] ‘rosto, face’
<b>ôbidu</b> [o. 'bi.du] ‘ouvido’	<b>korta</b> [ 'k <i>ɔ</i> r.tə] ‘cortar’
<b>rubera</b> [r <i>u</i> . 'be.rə] ‘ribeira’	<b>juga</b> [ 'ʒ <i>u</i> .gɐ] ‘jogar’

No que diz respeito às vogais médias-baixas, sua realização foi bem restrita (apenas 4 ocorrências em um total de 172): [ε] apareceu somente em **pertá** e [ɔ] apareceu três vezes: uma em **torésma** ‘torresmo’ e nas duas ocorrências da palavra **modjádu**. Nessas quatro ocorrências de vogais médias-baixas, é possível conjecturar que o abaixamento da vogal se deu por influência da vogal tônica ([a] ou [ε]), em um processo de harmonia vocálica. Ter uma vogal média-baixa (coronal ou dorsal) como gatilho do processo de harmonia é aceito e mencionado em diversas línguas, já a vogal central [a] como gatilho é questionada. Trabalhos como Abaurre e Sandalo (2012), Sandalo (2012), Sandalo, Abaurre e Madruga (2013), Sandalo e Abaurre (2014), Kenstowicz e Sandalo (2016), Madruga, Hamann e Abaurre (2020) questionam o comportamento da vogal central em processos de harmonia, mostrando que em algumas variedades do português, o [a] pode atuar como gatilho; em outras, não. Duas variedades de português em que o [a] não é gatilho para harmonia são as de São Paulo e de Belo Horizonte; ao passo que em Recife e Porto Alegre, o [a] é gatilho para a harmonia, como em *melado*

[mɛ'lado] e *lotada* [lo'tadɐ] (essas palavras seriam realizadas em São Paulo e Belo Horizonte como [me'lado] e [lo'tadɐ]) (Sandalo & Abaurre, 2014). Já no português de São Tomé e Príncipe, como discutido por Balduino (2022), o [a] desencadeia harmonia vocálica de média-baixa, como em *recado* [rɛ'kado] e *governar* [gɔvɛr'nar]. Sandalo e Abaurre (2014) inclusive apontam que a dispersão vocálica das diversas vogais seria a responsável por definir o comportamento do /a/: em sistemas em que o /a/ se encontra mais baixo e mais distante das demais vogais, essa vogal não desencadearia harmonia, já nos sistemas em que o /a/ estivesse mais próximo das outras vogais baixas, a harmonia ocorreria. No caso da dispersão acústica do kabuverdianu do Príncipe, como se verá na figura 4.9 a seguir, tal hipótese precisa ser avaliada, já que há outras vogais centrais na língua.

Quanto à distribuição das vogais centrais em posição pretônica, como apontado na seção 3.2, de um total de 72 dados, a variante preferida foi [ə]: 37 ocorrências (51%). Em seguida, veio o [ɐ] (23 ocorrências – 32%) e, por fim, o [a] (12 ocorrências – 17%). Em comparação com a tônica, observa-se uma inversão nas preferências (nessa posição, 65% das realizações foram de [a], seguidas pelo [ɐ] e o [ə]). Esse resultado era esperado, dado que a posição pretônica sendo mais fraca seria um locus mais privilegiado para uma vogal reduzida (como é o caso do [ɐ] e do [ə]), enquanto a tônica, tendo mais intensidade, preferiria a vogal mais forte [a].

Assim como ocorreu na posição tônica, na sílaba pretônica, não foi verificado o espalhamento da nasalidade por consoante nasal [m] e [n] na sílaba seguinte, sendo as vogais sempre realizadas de forma oral. Foram encontrados os seguintes fones [i, e, ə, ɐ, a, o, u] (enquanto que em tônica estiveram presentes [i, e, a, ə, u]), como se vê em (2):

(2) <b>Posição pretônica</b>	<b>Posição tônica</b>
<b>pikinóti</b> [pi.ki.'no.ti] ‘pequeno’	<b>mininu</b> [mi.'ni.nu] ‘menino, criança’
<b>semente</b> [se.'mẽ.ti] ‘semente’	<b>serenu</b> [se.'rɛ.nu] ‘sereno’
<b>kanéla</b> [kɔ.'nɛ.lə] ‘canela’	---
<b>pamodi</b> [pɔ.'mo.di] ‘porque’	---
<b>tamanhu</b> [tɔ.'mã.ju] ‘grande’	<b>ano</b> [.'a.nu] ‘ano’
<b>tomati</b> [to.'ma.ti] ‘tomate’	<b>fómi</b> [.'fɔ.mi] ‘fome’
<b>vumita</b> [vu.'mi.tɔ] ‘vomitar’	<b>fuma</b> [.'fu.ma] ‘fumar’

Comparando as posições tônica e pretônica, observa-se que, na posição tônica, não foram registrados [ɛ, ə, ɐ, o]. Contudo, não se pode afirmar que, nesse contexto, os

segmentos ausentes nunca ocorrem dada a limitação dos dados. Assim, estudos futuros devem se debruçar sobre esse aspecto. Em posição pretônica, observa-se que as médias-baixas [ɛ] e [ɔ] não foram encontradas, o que poderia não estar relacionado à natureza da consoante, mas provavelmente ao fato de as médias-baixas não terem sido recorrentes em posição pretônica. Tal conjectura para ser confirmada ou refutada precisa da realização de testes, o que pode ser foco de estudos futuros.

Quanto à nasal palatal, foram encontradas somente duas palavras: **anhós** ‘nós’ e **dinheru** ‘dinheiro’ e em uma delas a vogal foi realizada oral ([v.'ɲɔs]) e na outra a vogal foi nasalizada ([dĩ.'ɲe.rʊ]). Dado o pequeno número de ocorrências, não é possível fazer afirmações detalhadas sobre o comportamento do [ɲ] quanto ao espalhamento da nasalidade em pretônicas.

Com relação ao kabuverdianu de Santiago, Quint (2000) menciona que em posição pretônica, haveria neutralizações, sendo encontrados os fones [i, e, v, o, u]. Esse mesmo cenário é apontado por Lang (2001, 2002), que afirma que as vogais /ɛ, a, ɔ/ só aparecem na sílaba tônica. Por causa disso, caso uma palavra que contenha um desses segmentos em posição acentuada sofra um processo de flexão ou derivação, com conseqüente deslocamento da sílaba tônica, as vogais centrais/médias-baixas (tanto orais quanto nasalizadas) são substituídas pelas suas correspondentes altas (/e, v, o/), como se vê em (3) (exemplos retirados de Lang, 2002 – o autor afirma que há mais exemplos, mas não os menciona):

- (3) *kabésa* [kɐ.'bɛ.sɐ] ‘cabeça’ e *kabesóna* [kɐ.be.'sɔ.nɐ] ‘cabeça grande’  
*ténpu* [tɛm.pu] ‘tempo’ e *ténpurada* [tɛm.pu.'ra.dɐ] ‘temporada’  
*laba* [lɐ.ba] ‘lavar’ e *labádu* [lɐ.'ba.du] ‘tinha cantado’  
*kánta* [kan.tɐ] ‘cantar’ e *kabtába* [kɛn.'tɐ.bɐ] ‘tinha cantado’  
*xikóti* [ʃi.'kɔ.ti] ‘chicote’ e *xikotada* [ʃi.ko.'ta.dɐ] ‘chicotada’  
*pónta* [pɔn.tɐ] ‘ponta’ e *pontinha* [pon.'ti.ɲɐ] ‘pontinha’

Como vimos, no caso do kabuverdianu do Príncipe, há mais realizações possíveis, podendo ser tema de estudos futuros observar como ocorrem as neutralizações nessa posição. Outro aspecto que pode ser analisado é a possibilidade de redução das vogais pretônicas, fenômeno que não pôde ser analisado dado a quantidade de dados e a qualidade das gravações disponíveis.

Passando aos correlatos acústicos, as médias gerais normalizadas referentes à duração e ao primeiro e segundo formantes (F1 e F2) das vogais pretônicas orais podem ser vistas na tabela 4:

Vogal	Pretônicas			Tônicas		
	Duração	F1	F2	Duração	F1	F2
[i]	60	341	1810	98	346	1974
[e]	60	389	1677	104	411	1837
[ɛ]	44	503	1481	113	486	1781
[ə]	62	481	1465	99	480	1463
[ɐ]	62	548	1472	100	551	1405
[a]	76	600	1500	119	626	1392
[ɔ]	69	465	1208	124	520	1095
[o]	63	420	1061	109	422	1086
[u]	61	350	1242	86	378	1194

Tabela 4. Valores médios normalizados de F1 e F2, em Hertz, e da duração, em milissegundos, para as vogais pretônicas e tônicas orais do kabuverdianu do Príncipe (Elaboração própria)

A partir da tabela 4, observa-se que, em comparação com as vogais tônicas orais, todas as vogais pretônicas duram menos (com a diferença sendo em média 30 pontos e podendo chegar a uma queda de aproximadamente metade como no caso da média-baixa dorsal ou mesmo 69 pontos no caso da média-baixa coronal). Essa menor duração das vogais pretônicas já era esperada, tendo sido reportada em outros estudos, como Cristófaró Silva et al (2019), Barbosa e Madureira (2015), Balduino (2022), entre outros. Ainda em comparação com as tônicas, nota-se ainda uma centralização das vogais pretônicas: [i, e, ɛ] são menos anteriores, [a, ɔ, u] são mais anteriores, sendo a vogal [o] mais posterior do que o [u], como se observa na comparação dos espaços acústicos. Esse comportamento pode ser visto no gráfico da dispersão acústica das vogais orais pretônicas, conforme figura 1:

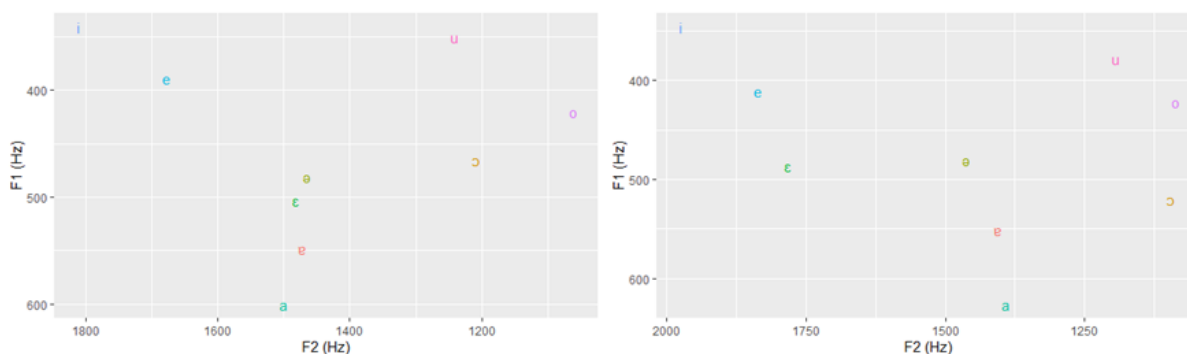


Figura 1. Gráfico do espaço acústico (F1 x F2) dos valores médios de vogais orais pretônicas e tônicas do kabuverdianu do Príncipe (Elaboração própria)

A partir da figura 1, observa-se ainda que o [ɛ] está mais baixo que o [ə], sendo mais próximo das vogais centrais do que das anteriores. Como se trata de apenas 1 ocorrência, esse comportamento deve ser analisado mais detidamente em estudos futuros.

#### 4.2 Vogais pretônicas nasalizadas

Para as vogais pretônicas nasalizadas, foram encontradas as realizações [ĩ, ẽ, ẽ̃, õ, õ̃, õ̃], segmentos um pouco diferentes da posição tônica, como se observa nos exemplos em (4):

(4) Posição pretônica	Posição tônica
<b>inchadu</b> [ĩ. 'tʃa.do] ‘inchado’	<b>siginti</b> [si. 'gĩ.ti] ‘seguinte’
<b>tempural</b> [tẽ.pu. 'rɐʃ] ‘temporal’	<b>bentu</b> ['bẽ.tu] ‘vento’
<b>enfia</b> [ẽ̃. 'fi.a] ‘enfiar’	---
<b>mantega</b> [mũ. 'te.gə] ‘manteiga’	<b>grandi</b> ['grũ.di] ‘grande’
<b>tamben</b> [tũ. 'bẽ] ‘também’	<b>kuantu</b> ['kwũ.tu] ‘quanto’
---	<b>gran</b> ['grũ] ‘grandi’
<b>konfia</b> [kũ. 'fi.a] ‘confiar’	<b>konta</b> ['kũ.tə] ‘kontar’
---	<b>muntu</b> ['mũ.tu] ‘muito’

Em comparação com as vogais tônicas nasalizadas, as diferenças consistem na ausência de [ã] e [ũ] (que pode ser decorrente da limitação do corpus) e a presença da média-baixa nasal (F1: 558 Hz em comparação com F1 de [e]: 437 Hz), que, contudo, só foi registrada em um único dado (**enfia**). A ocorrência de [ẽ̃] não era esperada (devendo ser observada com mais detalhes em uma base de dados mais ampla), uma vez que há uma tendência geral das línguas

de não possuírem vogais médias-baixas quando a vogal é seguida por uma consoante nasal na mesma sílaba, como é o caso da posição tônica do kabuverdianu do Príncipe e de variedades do português (como o brasileiro e o de São Tomé e Príncipe) e sendo mesmo uma tendência geral das línguas. Kingston aponta essa tendência geral (2007, p. 417; tradução nossa): “Em suma, a nasalização reduz os contrastes de altura, e o faz com mais frequência, eliminando vogais médias.”.

Considerando a variedade de Santiago, o cenário da pretônica é o mesmo encontrado em posição tônica: Quint (2000) menciona a ocorrência de neutralizações entre as vogais médias e centrais e considera somente cinco fonemas: /ĩ, ê, ã, õ, ã/. Lang (2002) também aponta neutralizações e afirma que o comportamento das vogais nasais depende da natureza da consoante seguinte, replicando o que ocorre na posição tônica. Assim sendo, caso a consoante seguinte seja uma oclusiva ou lateral, a vogal será oral e acompanhada de uma consoante nasal homorgânica, havendo cinco realizações possíveis: *kintal* [kin.'təl] ‘quintal’, *bengala* [beŋ.'ga.lə] ‘bengala’, *bandoba* [bən.'do.bə] ‘estômago, pança’, *konloia* [kon.'lo.jə] ‘conluir’, *kunpridu* [kum.'pri.du] ‘comprido’. O autor não menciona exemplos com consoantes fricativas seguintes, mas a consulta a Lang (2001) mostra que, nesse caso, a vogal seria nasalizada e a consoante nasal não estaria presente, como se observa em *konfundi* [kõ.'fun.di] ‘confundir’, *kansadu* [kẽ.'sa.du] ‘cansado’, *onradu* [õ.'ra.du] ‘honrado’. Do mesmo modo como na vogal nasalizada em sílaba tônica, essa análise de Lang (2001, 2002) pode ser entendida como se referindo à presença ou não do murmúrio nasal.

Sobre a ocorrência do murmúrio, das 20 ocorrências de pretônicas nasalizadas, em 3, a vogal foi seguida por uma consoante fricativa (**enfia** ‘enfiar’, **konfia** ‘confiar’ e **kansadu** ‘cansado’), estando o murmúrio presente em duas delas (no caso de **konfia**, não foi possível separar a vogal e o murmúrio, o que pode ser decorrente da própria qualidade da gravação). Nas demais ocorrências, a consoante seguinte foi uma oclusiva e o murmúrio só não pôde ser discriminado em 2 delas (**vindô** ‘termo usado para se referir aos caboverdianos do Príncipe’ (sendo que em outra realização o murmúrio aparece) e **xintare** ‘sentar’). As figuras 2 e 3 apresentam espectrogramas com alguns exemplos:

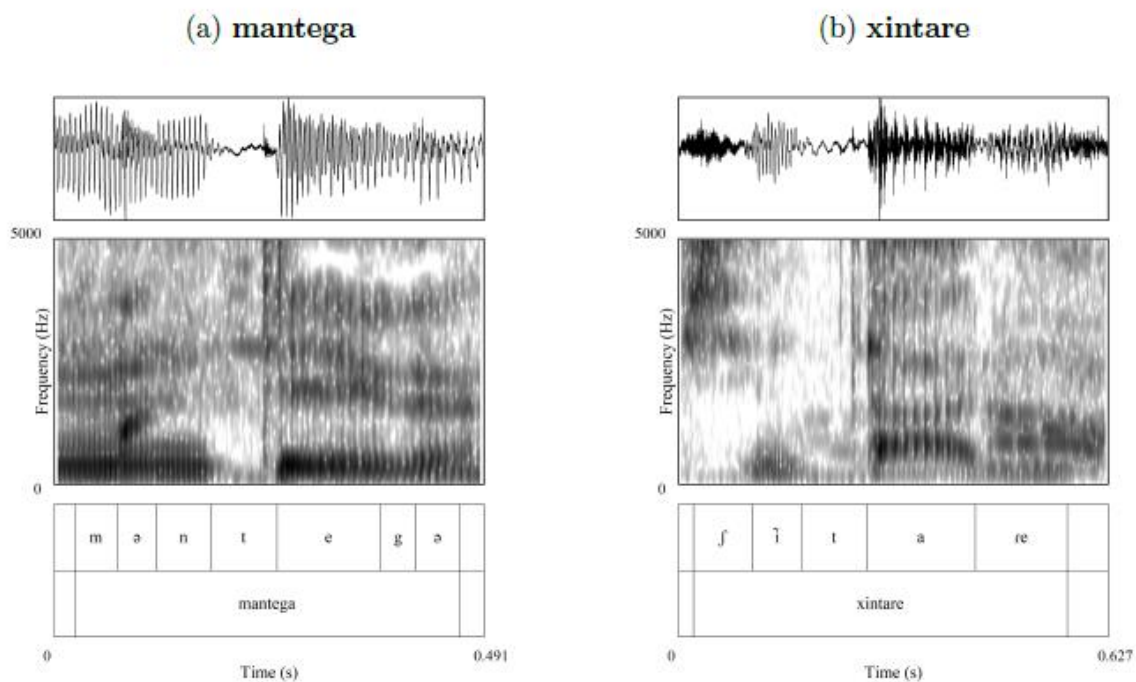


Figura 2. Forma de onda (tela 1), espectrograma (tela 2) e camadas de etiquetagem de segmentos dos vocábulos **mantega** ‘manteiga’ e **xintare** ‘sentar’ (Elaboração própria)

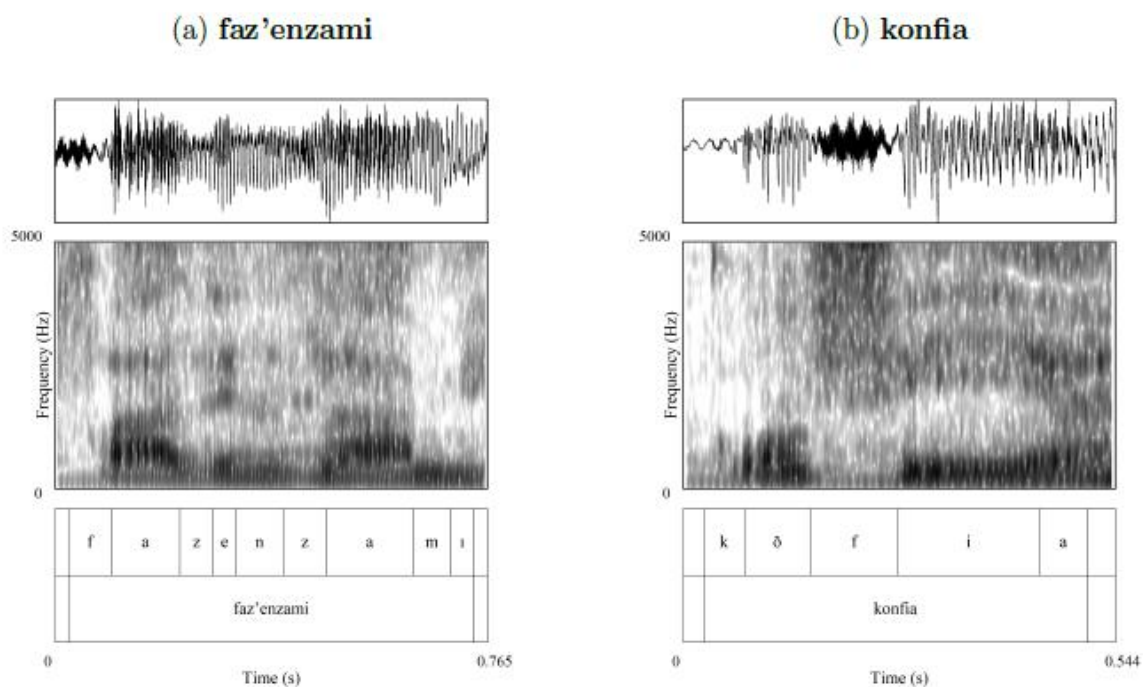


Figura 3. Forma de onda (tela 1), espectrograma (tela 2) e camadas de etiquetagem de segmentos de **faz'enzami** ‘fazer exame’ e **konfia** ‘confiar’ (Elaboração própria)

Assim como foi encontrado na posição tônica, as vogais nasalizadas em pretônica tanto apresentaram murmúrio diante de oclusivas e fricativas (como em **mantega** e **enzami**,

respectivamente) quando puderam aparecer sem o murmúrio nesses mesmos contextos (como em **xintare** e **konfia**, respectivamente), cenário que aponta a necessidade de mais estudos sobre o comportamento do murmúrio.

Quanto à duração das vogais pretônicas nasalizadas, a expectativa era de que elas tivessem uma duração maior do que suas contrapartes orais, o que foi verificado nos dados, como mostra a tabela 5. Essa maior duração das vogais nasalizadas também se verifica em posição tônica, como mostra a tabela 6.

<b>Vogal oral</b>	<b>Duração</b>	<b>Vogal nasalizada</b>	<b>Duração</b>	<b>Diferença</b>	<b>Porcentagem</b>
[i]	60	[ĩ]	116	56	93%
[e]	60	[ẽ]	121	61	102%
[ɛ]	44	[ɛ̃]	121	77	175%
[ə]	62	[ə̃]	108	46	74%
[ɐ]	62	[ɐ̃]	97	35	57%
[o]	63	[õ]	102	39	62%

Tabela 5. Valores médios normalizados da duração, em milissegundos, para as vogais pretônicas orais e nasalizadas do kabuverdiano do Príncipe e a diferença numérica e percentual entre os valores (Elaboração própria)

<b>Vogal oral</b>	<b>Duração</b>	<b>Vogal nasalizada</b>	<b>Duração</b>	<b>Diferença</b>	<b>Porcentagem</b>
[i]	98	[ĩ]	147	49	50%
[e]	104	[ẽ]	136	32	31%
[ə]	99	[ə̃]	177	78	79%
[ɐ]	100	[ɐ̃]	153	53	53%
[a]	119	[ã]	155	36	30%
[o]	109	[õ]	138	29%	27%
[u]	86	[ũ]	127	41	48%

Tabela 6. Valores médios normalizados da duração, em milissegundos, para as vogais tônicas orais e nasalizadas do kabuverdiano do Príncipe e a diferença numérica e percentual entre os valores (Elaboração própria)

Em pretônicas, a maior diferença entre vogais orais e nasalizadas ocorre no [ɛ] (oral: 44 ms; nasalizado: 121 ms; diferença: 77; porcentagem: 175%) e a menor no [ɐ] (oral: 62 ms;

nasalizado: 97 ms; diferença: 35; porcentagem: 57%). No caso das tônicas, a maior diferença ocorre no schwa (oral: 99 ms; nasalizado: 177 ms; diferença: 78; porcentagem: 79%) e a menor no [o] (oral: 109 ms; nasalizado: 138 ms; diferença: 29; porcentagem: 27%).

Assim como no caso das vogais tônicas nasalizadas, essa maior duração das vogais pretônicas nasalizadas, juntamente com a presença do murmúrio nasal podem ser apontados como indicativos da natureza bifonêmica da vogal nasal (/VN/), como defendido por Sousa (1994), Seara (2000), Valentim (2009), Moraes e Wetzels (1992), Balduino (2018) para outras variedades do português, como a brasileiro e a santomense e principense. Esse comportamento inclusive também foi verificado em outras línguas crioulas, como atestado por Balduino et al (2015) para o santome e o lung'le. De todo modo, no caso do kabuverdianu do Príncipe, são necessários mais estudos para confirmar ou refutar tal hipótese.

Comparando as médias das durações das vogais orais e nasalizadas de forma geral nas posições tônica e pretônica, foram encontrados os seguintes valores:

<b>Ton. oral</b>	<b>Ton. nasalizada</b>	<b>Diferença</b>	<b>Pret. oral</b>	<b>Pret. nasalizada</b>	<b>Diferença</b>
106	148	42 (40%)	62	111	49 (79%)

Tabela 7. Comparação da duração de vogais tônicas orais, tônicas nasalizadas, pretônicas orais e pretônicas nasalizadas do kabuverdianu do Príncipe e a diferença numérica e percentual entre os valores (Elaboração própria)

A partir da tabela 7, observa-se que o *continuum* proposto por Cristófaró Silva et al (2019) se verifica, com a seguinte escala decrescente de duração: tônica [+ nasal] > átona [+ nasal] > tônica oral > átona oral. Assim sendo, de fato as vogais tônicas costumam ser mais longas do que as átonas, contudo, quando se fala na oposição nasalizada e oral, a duração das vogais nasalizadas será maior do que a das orais, independentemente da tonicidade, ficando tal aspecto em segundo plano.

## 5. Considerações finais

Este artigo apresentou uma descrição das vogais pretônicas do kabuverdianu do Príncipe, comparando-as com as tônicas. A partir dos resultados, conclui-se que o kabuverdianu do Príncipe possui um comportamento próprio, não sendo uma mera reprodução de outras variedades, como a falada em Santiago. No que diz respeito às vogais pretônicas orais, por exemplo, foram encontradas mais realizações do que se imaginava. O quadro 2 contrapõe os

achados dessa pesquisa sobre o kabuverdianu do Príncipe com os estudos anteriores que enfocam a variedade santiaguense (Quint, 2000; Lang, 2002; Rodrigues, 2008):

<b>Contexto</b>	<b>Kabuverdianu do Príncipe</b>	<b>Kabuverdianu de Santiago</b>
Vogais orais pretônicas	[i, e, ε, ə, ɐ, a, ɔ, o, u]	[i, e, ɐ, o, u]
Vogais orais tônicas	[i, e, ε, ə, ɐ, a, ɔ, o, u]	[i, e, ε, ə/ɐ <sup>4</sup> , a, ɔ, o, u]
Nasalidade heterossilábica (vogais pretônicas)	Não se aplica diante de [m] e [n] Pode se aplicar ou não diante de [ɲ]	Não se aplica diante de [m], [n] e [ɲ]
Nasalidade heterossilábica (vogais tônicas)	Não se aplica diante de [m] e [n] Se aplica diante de [ɲ]	Não se aplica diante de [m], [n] e [ɲ]
Nasalidade tautossilábica	Ocorre sempre	Ocorre sempre

Quadro 2. Comparação entre o kabuverdianu do Príncipe e o de Santiago (Elaboração própria)

Este estudo, que apresenta um caráter piloto e uma abordagem fonética acústica, lançou algumas pistas fonológicas, como a discussão sobre a harmonia vocálica e a presença de vogais média-baixas em sílaba pretônica e o estatuto bifônemico da vogal nasalizada. Esses aspectos devem ser analisados mais detalhadamente em pesquisas futuras. Ademais, podem-se apontar outros desdobramentos futuros, como (i) verificar se ocorrem processos (como ensurdecimento e apagamento) nas vogais pretônicas; (ii) investigar o comportamento das vogais médias e centrais da língua, ponto importante para o sistema como um todo; (iii) comparar os resultados com outras línguas faladas, como o português, sobretudo a variedade principense (Balduino, 2022). Esses e outros temas contribuirão permitirão conhecer mais não só do kabuverdianu do Príncipe, mas também da complexa realidade linguística da ilha, o que é relevante para os estudos de línguas crioulas em geral e para as pesquisas sobre STP de forma mais específica.

### **Agradecimentos:**

Agradeço à Profa. Dra. Amanda Balduino pela leitura atenta da primeira versão deste artigo e pelos valiosos comentários.

### **Conflito de Interesses:**

<sup>4</sup> Quint (2000) e Lang (2002) mencionam [ɐ], enquanto Rodrigues (2008) aponta [ə].

A autora declara não haver conflito de interesses.

### **Pré-registro e Padrões de Pesquisa:**

Os roteiros da Equator Network foram analisados e a pesquisa conduzida não foi pré-registrada em um repositório institucional independente.

### **Declaração de Acessibilidade aos Dados:**

Os dados, códigos e materiais que suportam os resultados deste estudo estão disponíveis nos apêndices.

### **Ética e Consentimento:**

Os participantes desta pesquisa assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em que constavam as informações gerais da pesquisa e indicaram aceite de sua participação. Não há registro no Comitê de Ética, pois em São Tomé e Príncipe não existe tal comitê, contudo em uma perspectiva oficial, o presidente regional do Príncipe estava ciente da realização da pesquisa e autorizou o uso dos dados gravados para estudos científicos.

### **Referências**

ABAURRE, Maria Bernadete; SÂNDALO, Filomena. Harmonia vocálica e modelos de representação de segmentos. In: LEE, Seung-Hwa (Org.) **Vogais além de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012. p. 17-41.

AGOSTINHO, Ana Livia. **Fonologia e método pedagógico do Lung'le**. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

ALBANO, Eleonora. **O gesto e suas bordas**: esboço de fonologia acústico-articulatória do português brasileiro. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

BALDUINO, Amanda Macedo et al. A nasalidade vocálica em santome e lung'le. **PAPIA**, v. 25, n. 1, p. 7-25, 2015.

BALDUINO, Amanda Macedo. **A nasalidade vocálica no português falado em São Tomé e Príncipe**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

BALDUINO, Amanda Macedo. **Fonologia do português de São Tomé e Príncipe**. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

BANDEIRA, Manuele. **Reconstrução fonológica e lexical do protocioulo do Golfo da Guiné**. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BARBOSA, Plínio Almeida; MADUREIRA, Sandra. **Manual de fonética acústica experimental**: aplicações a dados do português. São Paulo: Cortez, 2015.

BERTHET, Marina. Emigração cabo-verdiana em São Tomé e Príncipe (1940-1970): uma apropriação do tempo e dos espaços. *In: XXVI Simpósio Nacional de História ANPUH: 50 Anos*, 2011, São Paulo. **Anais [...]**, 1, 2011, p. 1-13.

BOERSMA, Paul; WEENICK, David. (1992–2022). **Praat**: doing phonetics by computer [Computer program]. Version 6.2.06, restaurada em 23 de janeiro de 2022 de <http://www.praat.org/>.

BOUCHARD, Marie-Eve. **Linguistic Variation and change in the Portuguese of São Tomé**. Tese (Doutorado em Filosofia) – Department of Linguistics, New York University, New York, 2017.

CARREIRA, António. **Migrações nas Ilhas de Cabo Verde**. 2 ed. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro (ICL), 1983.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís et al. **Fonética Acústica**: os sons do português brasileiro. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

EYZAGUIRRE, Pablo B. **Small Farmers and Estates in São Tomé, West Africa**. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculty of the Graduate School, Yale University, Yale, 1986.

FEIO, Joana Areosa. Cabo-Verdianos e São-tomenses de ascendência cabo-verdiana em São Tomé e Príncipe na atualidade: Uma abordagem etnográfica. *In: ÉVORA, Iolanda (Org.). Diáspora cabo-verdiana: temas em debate*. Lisboa: CEsA (Centro de Estudos sobre África, Ásia e América Latina)/ISEG (Instituto Superior de Economia e Gestão), 2016, p. 200-226.

FREITAS, Shirley; BANDEIRA, Manuele; AGOSTINHO, Ana Lúcia. Aspectos fonético-fonológicos do kabuverdiano falado na Ilha do Príncipe. **Journal of Ibero-Romance Creoles**, v. 11, p. 109-135, 2021.

GRAHAM, Steve & GRAHAM, Trina. **West Africa Lusolexed Creoles Word List File Documentation**, 2014. Disponível em: <<http://www.sil.org/silesr/2004/silesr2004-012.html>>. Acesso em: 02 jul. 2015.

INE – Instituto Nacional de Estatística. **População Segundo Línguas Faladas**, RGPH 2012. Disponível: <<https://www.ine.st/phocadownload/userupload/Documentos/Atlas/Caracter%20C3%ADsticas%20Educativas/5.%20Popula%20A7%20seg.%20L%20C3%ADnguas%20Faladas%20-%2054.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2021.

JON-AND, Anna. **Variação, contato e mudança linguística em Moçambique e Cabo Verde. A concordância variável de número em sintagmas nominais do português**. Tese

(Doutorado) – Department of Spanish, Portuguese and Latin American Studies, Stockholm University, Stockholm, 2001.

KENSTOWICZ, Michael; SÂNDALO, Filomena. Pretonic Vowel Reduction in Brazilian Portuguese: Harmony and Dispersion. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 15, n. 6, p. 1-19, 2016.

KINGSTON, John. The phonetics-phonology interface. In: DE LACY, Paul. **The Cambridge Handbook of Phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 401-434.

LADEFOGED, Peter. **A course in Phonetics**. 2. ed. New York: Harcourt Brace Jovanovich Publishers, 1982 [1975].

LANG, Jürgen (Ed.). 2001. **Dicionário do Crioulo de Santiago (Cabo Verde) com equivalências de tradução em alemão e português**, elaborado por Martina Brüser e André dos Reis Santos (Cabo Verde), com a contribuição de Ekkehard Dengler e Andreas Blum, sob a direção de Jürgen Lang. Tübingen: Narr.

LANG, Jürgen. 2002. **Gramática do Crioulo da Ilha de Santiago (Cabo Verde)**. Capítulo 1. Disponível em: <<http://iilp.wordpress.com/2012/11/14/umagramatica-do-crioulo/>>. Acesso em: 12 nov. 2013.

MADRUGA, Magnun Rochel; HAMMAN, Silke; ABAURRE, Maria Bernadete. Gradient and categorical assimilation of pretonic vowels in Brazilian Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 19, n. 1, p. 1-21, 2020.

MORAES, João; WETZELS, Leo. Sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em português: um exercício de fonologia experimental. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n. 23, p. 153-166, 1992.

NASCIMENTO, Augusto. **Histórias da Ilha do Príncipe**. Oeiras: Município de Oeiras, 2010.

NASCIMENTO, Augusto. **Vidas de S. Tomé segundo vozes de Soncente**. Cabo Verde: Ilhéu Editora, 2008.

NASCIMENTO, Augusto. **O fim do caminho longi**. Cabo Verde: Ilhéu Editora, 2007.

NASCIMENTO, Fabiane. **O sistema vocálico do português de São Tomé e o comportamento das vogais médias em contexto pretônico**. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

QUINT, Nicolas. **Grammaire de la Langue Cap-Verdienne**. Paris: L'Harmattan, 2000.

RODRIGUES, Ulisdete. **Fonologia do caboverdiano: das variedades insulares à unidade nacional**. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SANDALO, Filomena. Harmonia e redução vocálica no português do Brasil. **Letras de hoje**, v. 47, n. 3, p. 268-274, 2012.

SANDALO, Filomena; ABAURRE, Maria Bernadete; MADRUGA, Magnum. Dispersão e Harmonia Vocálica em dialetos em Português Brasileiro. **Organon**, v. 28, n. 54, p. 13-30, 2013.

SANDALO, Filomena; ABAURRE, Maria Bernadete. Assimetrias na harmonia vocálica em português do Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 56, n. 1, p. 181-191, 2014.

SEARA, Izabel Christine. **Estudo acústico-perceptual da nasalidade das vogais do português brasileiro**. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

SEIBERT, Gerhard. Colonialismo em São Tomé e Príncipe: hierarquização, classificação e segregação da vida social. **Anuário Antropológico**, v. 40, n. 2, 99-120, 2015.

SEMEDO, Carla Indira Carvalho. **Ilusões do Contrato? Migrações sul-sul, evocações do tráfico, contranarrativas e socialidades dos cabo-verdianos nas roças de São Tomé e Príncipe**. 2016. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

SOUSA, Elisabeth Maria Gigliotti de. **Para a caracterização fonético-acústica da nasalidade no português do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Linguística) de Mestrado – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

VALENTIM, Hellen. **Duração dos segmentos vocálicos orais, nasais e nasalizados do português brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2009.

## Apêndices

### Dados de pretônicas orais

[i]	[e]	[ɛ]	[ə]	[ɐ]	[a]	[ɔ]	[o]	[u]
animal	respirar	pértá	pamodi	animal	tamanhu	tóresma	obidu	tempural
kiziká	pezadu		bariga	kazaku	kabelu	módjadu	gordura	kumer
respirar	pêsoa		pasarinh	papá	praia		koraji	kurason
mininu	estrada		kaí	panela	kanéla		fogon	fumar
dimas	sementi		katchoru	tamanhu	babá		fogão	puera
brigá	jeladu		tamanhu	kabésa	lagoa		flogô	umidadi
sidadi	estretu		kapina	lagoa	tamanhu		tomati	nubrina
siginti	pertá		kabesa	naris	naris		kosêra	lubrina

umidadi	serenu		kurason	pamodi	ali		mojadu	djuelu
direita			maridu	ali	kapuera			kutubelu
piodju			animal	raís	ngana			juelu
fiadu			pariba	area				kumida
pikinóti			panela	batata				brumedju
dividi			kanéla	anhós				rubera
sisin			naris	amarelu				mudjer
			lagoa	stragadu				kuantu
			babá	kapueradu				mpurá
			raís					brumedju
			galinha					vumita
			madêra					
			azul					

### Dados de pretônicas nasalizadas

[ĩ]	[ẽ]	[ɛ̃]	[õ]	[õ̃]	[õ]
vindoris	tempural	enfia	kansadu	tamben	montanha
vindô	bentá		mantega		konfia
dinhero	entã				
xintare	embala				
intchadu	enzami				

### Dados de tônicas orais

[i]	[e]	[ɛ]	[ə]	[ɐ]	[a]	[ɔ]	[o]	[u]
bariga	pretu	pé	kiziká	tras	animal	pamodi	katchoru	sukur
minis	skesi	pega	respirar	tempural	tras	korta	vindoris	sukuru
fitcha	medu	bebi	matchu	fala	pasa	mori	vindor	tchuba
kaí	verdi	seku	fla	kaza	kaza	obu	vindô	azul
fika	kabelu	tera	nasi	kazaku	baru	rostu	korta	nuven
dia	kabesa	keba	dimas	mai	brasu	fodja	gosta	suju
obidu	jelu	nebua	brigá	pai	mata	rotcha	obidu	gordura

(a)li	bebi	mudjer	fa	faka	galhu	boka	odju	tudu
maridu	puera	panela	koraji	fa	pásaru	nobu	poku	kusa
pariba	seka	medu	maw	papá	fumar	pó	oji	susu
tira	mantega	tetu	mata	dimás	kansadu	pikinoti	obi	fruta
riba	sebu	perna	sal	sapu	sidadi	kobra	mordi	pura
briga	pexi	kabesa	pai	kuatu	faka	sol	osu	kurtu
naris	berdi	kanela	dá	mata	pai	nhos	folgu	xuju
ri	djuelu	pertu	lá	animal	koraji	nós	flogô	durmi
vivi	kutubelu	bedju	shupar	sidadi	kasa	forma	obu	juga
fígado	rega	kré	sta	karni	agua	odja	forti	lua
kumida	direta	brumedju	matu	dá	fradu	bó	porku	kuspi
bitchu	iskerda	retu		lá	sapu	dor	fogu	tchupa
raís	juelu	pele		fla	kuatu	omi	otu	lumi
midju	kêl'	pedra		laba	umidadi	nomi	flor	fuma
dividi	stretu	amarelu		estrada	pisadu	fomi	rostu	
mira	rubera	sertu		aza	sabi		piodju	
(a)mi	sfrega	sfrega		pistana	panha		piskos	
vira	area				tomati		noti	
kompridu	sera				karni		pesoa	
vumita	tchera				dá		tchobi	
mininu	strela				babá		kola	
kapina	madera				mai		dos	
nubrina	pretu				estrada		otra	
lubrina	skerda				sal		otru	
finu	skrebi				fla		kosa	
	estretu				batata		dor	
	eli				fiadu		spoza	
	kapuera				jeladu		gosta	
	kema				masa			
	femia				tchupar			
	tene				nada			
	serenu				rabu			
	teni				lá			

					magra			
					magru			
					mara			
					laba			
					mojado			
					aza			
					matu			
					sabi			
					fazi			
					ladu			
					mpurá			
					pertá			
					stragadu			
					fala			
					xintare			
					nada			
					rabu			
					ávorí			
					modjado			
					kapueradu			
					intchadu			
					embala			
					faz			
					grama			
					anu			

**Dados de tônicas nasalizadas**

[ĩ]	[ẽ]	[õ]	[ẽ]	[ã]	[õ]	[ũ]
sinzas	frente	grandi	branku	sangi	konta	muntu
brinka	benta	branku	kanta	grandi	tchon	
machim	bentu		kuantu	gran	lonji	
xinti	ben			kanta	kurason	

sinza	jenti			anda	fogon	
limpu	sementi			branku	pon	
sinku	pensa			entã	tronku	
siginti	denti					
vin	tempu					
brinka	kenti					
xinta	ten					
lingua	tamben					
sisin	ventu					

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.